

A perversidade em uma passagem de Grande Sertão Veredas

Andréa Lisly Gonçalves¹

“O senhor ache e não ache. Tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos!”
(Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas)

“Todas as perversões possíveis estão na estrutura do desejo humano”. (Patrick Vignoles, A perversidade)

Uma das obras clássicas sobre a maldade, sobretudo em suas formas extremas, é o livro de Patrick Vignoles, *A perversidade*². O trabalho de Vignoles se estrutura com base em fontes religiosas, filosóficas, psicanalíticas, dramáticas e, em boa medida, na literatura de ficção ou romances, como se diz comumente. Ali estão presentes *Madame Bovary*, de Flaubert, os *Cento e vinte dias de Sodoma*, do Marquês de Sade, a literatura infanto juvenil da Condessa de Ségur, em especial *Os desastres de Sofia* e, até mesmo, *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, dentre inúmeros outros.

A ideia deste pequeno ensaio é a de também abordar uma obra de ficção, *Grande sertão: veredas*³, de Guimarães Rosa, à luz das reflexões de Vignoles, a partir de um excerto selecionado. De acordo com Jane Amélia Soares e outros estudiosos da obra de Guimarães Rosa, boa parte de *Grande Sertão* é dedicada à abordagem do mal. Desse modo, parece justificável a escolha do livro e, dentro dele, a opção por uma das passagens em ou autor distingue a maldade da perversidade, apresentando-a em toda a sua crueza.

A passagem escolhida é aquela que narra a história do menino Valtei, de dez anos, filho de Pedro Pindó, ele e a esposa exemplos de pessoas pacatas “sempre sidos bons, de bem”⁴. Ao contrário dos pais, Valtei “desde que algum entendimento alumiu nele, feito mostrou o que é: pedido madrasto, azedo queimador, gostoso de

¹ Historiadora e pesquisadora do Artear.

² Campinas: Papirus, 1991.

³ ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

⁴ Idem, p.11.

ruim de dentro do fundo das espécies de sua natureza”⁵. O contraste entre pais e filho nos remete às observações de Vignoles acerca de duas concepções conflitantes, ao longo da história, acerca da existência da maldade na infância: a da Igreja e a da burguesia ascendente a partir do setecentos. Assim, o cristianismo “não ignorou a perversidade da criança. Em suas formas extremas, considerava que a criança morta sem batismo estava destinada à danação eterna, pois o batismo nos lava do pecado original”⁶.

Já a tradição que se inaugura com as revoluções liberais de finais do século XVIII e início do XIX, teria sofrido uma influência inegável dos filósofos iluministas, com destaque para Rousseau, associando a criança ao bom selvagem. Desse modo, ela teria um fundo bom o qual, no entanto, seria suscetível à corrupção infernal, naqueles casos em que teria faltado a boa educação ou quando a criança é objeto de más companhias⁷.

Se, pelo menos a princípio, os pais de Valtei eram bons, o que explicaria o “caráter” da criança seria a propensão dos infantes de serem maus, fruto da queda, do pecado original, que conspurcou toda a humanidade. De fato, quando o narrador de *Grande sertão* procura explicar o comportamento da criança o faz invocando a crença em vidas anteriores. Talvez não seja demais admitir que “vida anterior” possa ser subsumida à ideia de pecado original. Voltarei ao assunto ao final dessas páginas.

À medida que a narrativa prossegue, nos é dado a conhecer que a maldade de Valtei é de fato desmesurada. Ela se volta contra “todo bicho ou criaçãozinha pequena que pega”, aplicando-lhes suplícios terríveis e num ritmo lento. Nessa passagem, é difícil não nos remetermos aos usos feitos por Vignoles da obra *Os Desastres de Sofia*, da Condessa de Ségur. A história em que a pequena protagonista do romance secciona e salga os peixes ornamentais da mãe nos vem logo à mente.

Talvez a primeira reação seja a de afirmar que os maus feitos de Valtei são incomparáveis aos de Sofia. E há alguma razão nisso. Porém, os efeitos que se pode

⁵ Idem, *ibidem*.

⁶ VIGNOLES, Patrick. *A perversidade*. Campinas: Papyrus, 1991, p.18.

⁷ “Mas, para a tradição naturalista burguesa que domina as mentalidades desde o século XVIII, a criança é como o bom-selvagem: ela tem um ‘fundo bom’. Se é, aqui e acolá, corrompida ou ‘infernal’, é por exceção ou por causa de uma má-educação, por causa de ‘maus pais’, de ‘más companhias’, de ‘más influências’ exercidas sobre ela pelos próprios adultos”. Idem, *ibidem*.

extrair das duas experiências, de acordo com Vignoles, ao examinar o caso de Sofia, acabam por aproximá-las. A começar pela afirmação do autor de que “Não existe maior criança que o cínico, e não existe maior cínico que a criança. Como se o mal fosse ‘uma brincadeira de criança’. De fato, nada é pior do que fazer o mal por brincadeira ou por divertimento”⁸.

Sobre o ato específico da personagem de assassinar os peixes, Vignoles começa por questionar a ideia de que ela agiria por inocência, se perguntando se não se tratava de “uma aparente inocência”. Isso porque age com má fé, “como se não quisesse saber o que sabe”. E vai mais além, ao admitir que, se a criança de fato não sabia, essa “ignorância não a inocenta”⁹. Ao contrário, Sofia revela, em seus atos, “... uma monstruosa inocência”¹⁰. Valtei, sem dúvida, não se dava ao trabalho de dissimular os seus atos. Isso o tornaria mais ou menos perverso que Sofia? O fingimento inocente de Sofia não agravaria sua falta?

Voltemos à história do menino do sertão mineiro. Suas maldades ultrapassavam os maus tratos infligidos aos animais e, vez ou outra, tinham como alvo as pessoas, como quando “encontrou uma crioula benta bêbada dormindo, arranjou um caco de garrafa, lanhou em três pontos a popa da perna dela”¹¹. Certa vez, teria dito ao narrador, que se abismava com o prazer que ele mostrava de ver as galinhas e os porcos serem sangrados: – “Eu gosto de matar...”¹²

As cenas subsequentes mostram que os pais de Valtei ou nunca partilharam genuinamente as teses de Rousseau ou se renderam à ideia de que o filho fosse naturalmente um mau selvagem. Sob o pretexto, real ou fictício, de corrigir o filho passaram a ministrarem-lhe castigos físicos os mais degradantes:

“o pai, Pedro Pindó, modo de corrigir isso, e a mãe, dão nele, de miséria e mastro – botam o menino sem comer, amarram em árvores no terreiro, ele nu nuelo, mesmo em junho frio, lavram o corpinho dele na peia e na taca, depois limpam a pele do sangue, com cuia de salmoura”¹³.

⁸ Idem. p.26.

⁹ Idem. p.28.

¹⁰ Idem, p.27.

¹¹ ROSA, João Guimarães. Op. cit. p.11.

¹² Idem, ibidem.

¹³ Idem, ibidem.

A criança se amofinava visivelmente, emagrecida e tísica. Nesse ponto dá-se a aproximação da narrativa com as passagens em que Vignoles associa a criança e o sádico como sujeitos da perversão. De um lado, porque os castigos tornaram-se um hábito para o casal: “que agora, visível, o Pindó e a mulher se habituaram de nele bater, de pouquinho em pouquim foram criando nisso um prazer feio de diversão – como regulam as sovas em horas certas confortáveis, até chamam gente para ver o exemplo bom”¹⁴. Por outro, porque, ao ser vítima do sofrimento, “quando está chorando e penando, ele sofre igual que se fosse um menino bonzinho”¹⁵. Uma passagem que, a meu ver, mostra a transitividade entre a perversão da criança e a do sádico:

“Como disposição involuntária para o mal e determinação sistemática para o mal, a perversidade encarna-se monstruosamente nas duas figuras antitéticas da criança e do pervertido. Acasalamento abominável da pureza e da obscenidade quando imaginado ou efetivamente uma realidade de ‘notícia de jornal’, híbrido não menos estranho e inquietante quando se tenta compreender a unidade pelo pensamento. É então esse casal perverso que nos coloca diante da realidade da perversidade ou, se preferirmos, diante da extensão e da profundidade do mal no homem”¹⁶.

Nesse ponto, o narrador arrisca a explicação, já mencionada acima, de que “Aquele menino tinha sido homem”¹⁷. E termina utilizando exatamente o termo que é objeto da obra de Vignoles, concluindo que Valtei teria cometido, na outra vida, “terríveis perversidades”¹⁸, as quais saldava nesta encarnação, tal qual ganhar o pão com o suor do próprio rosto e a mortalidade foram a condenação de Adão e Eva. O pecado, na sua versão extrema, a perversidade, era a vingança do homem contra Deus. Que o castigo e a punição pareciam abrandar o comportamento do menino nos é confirmada pelo narrador quando afirma que “Ah, mas, acontece, quando está chorando e penando, ele sofre igual que se fosse um menino bonzinho”¹⁹.

¹⁴ Idem., p.12

¹⁵ Idem., ibidem.

¹⁶ VIGNOLES, Patrick. Op. cit., p.17.

¹⁷ ROSA, João Guimarães. Op. cit., p.12

¹⁸ Idem., ibidem.

¹⁹ Idem., ibidem.

Ainda a respeito da intercambialidade dos papéis entre pais e filho, parecem adequadas as palavras de o autor de *A perversidade*, com as quais termino esse esboço, quando afirma que:

“O perverso não é, ou não é só, a criança que pratica a vivisseção em peixinhos vermelhos ou que mistura escatologicamente matérias, grama, barro e sangue, mas muito mais o adulto infantil que, por impotência diante das exigências da forma, compraz-se na regressão e na incompletude. E a perversidade é essa espécie de fraqueza adulta que nos submete às forças más que sabemos persistir em nós desde a infância”²⁰.

²⁰VIGNOLES, Patrick. Op. cit., p.62,